

A ÉTICA DA CATÁSTROFE

AMOSTRA

A ÉTICA DA CATÁSTROFE

COMO DECIDIR BEM EM UM
MUNDO DE ESCOLHAS DIFÍCEIS

TRAVIS RIEDER



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2025

Para minha família.

*Obrigado por me proporcionarem
um cantinho do mundo
livre de catástrofe e cheio de alegria.*

AMOSTRA

Agradecimentos

ESTE É UM LIVRO GRANDE. NÃO ME REFIRO AO TAMANHO físico, mas ao alcance. Uma parte considerável das minhas visões filosóficas adentraram neste livro, o que significa que devo agradecer a muitas pessoas.

Menciono John Ahrens no livro, que me inspirou a querer ser filósofo desde o meu primeiro dia de faculdade. Então, conheci Kate Johnson e Don Carrell, enquanto estava em Hanover, e eles me corromperam profundamente com sua paixão por ideias e por serem pessoas generosas. Sou grato a eles e a todos em minha alma mater, que impactaram tanto o início da minha carreira. Na pós-graduação, fui ainda mais corrompido, e muitos professores inspiraram certas ideias e métodos utilizados neste livro. Meu orientador da dissertação, Henry Richardson, é um verdadeiro modelo de clareza conceitual e, se há algo disso no livro, deve-se em grande parte à sua orientação. Como o Capítulo 11 provavelmente deixa claro, a forma de Maggie Little pensar sobre ética teve, talvez, mais impacto

do que a de qualquer outra pessoa no meu eventual desenvolvimento filosófico. Embora não tenha participado em minha banca de dissertação, ela me pôs embaixo de sua asa e me ensinou a ser um eticista filosoficamente sério. E por isso sou muito grato.

As raízes da visão que articulo neste livro surgiram há muitos anos, em discussão com meus colegas do Instituto de Bioética Johns Hopkins Berman. Em especial, aprendi muito nos debates com Ruth Faden, Anne Barnhill e Justin Bernstein, trabalhando em vários projetos diferentes em ética alimentar; Justin viria a ser coautor do meu primeiro artigo sobre o tema do Quebra-Cabeça. Tive a sorte de fazer uma parceria com Nabina Liebow, que me ajudou a pensar nas maneiras em que o Quebra-Cabeça se aplica e não se aplica ao problema do racismo.

Espero que este livro deixe claro o quanto devo aos incríveis, inspiradores, gentis e generosos agricultores Liz e Nate Brownlee. Ao me mostrarem suas terras, apresentarem seus animais e conversarem longamente comigo, me ajudaram a de fato entender um componente central da visão que eu estava desenvolvendo. Eles foram minhas musas filosóficas.

Durante a escrita do livro, recebi um retorno tremendamente útil de muitos amigos e colegas. Marcus Hedahl, Colin Hickey e Aashna Lal merecem atenção especial, pois leram um rascunho inicial completo do manuscrito, fornecendo diversas e detalhadas notas. Embora eu tenha certeza de que não abordei todas as questões que eles levantaram tão bem quanto gostariam, este livro ficou muito, muito melhor do que teria sido sem eles. Pelos comentários perspicazes sobre capítulos específicos, quero agradecer a Maggie Little e Tina Rulli. E pelos comentários gerais sobre o projeto, agradeço a Kelly Heuer, Anne Jeffrey, Jake Earl e Tony Ficarrota.

Também tive a oportunidade de apresentar os primeiros componentes deste livro para vários públicos, e recebi perguntas, comentários, desafios e contribuições maravilhosas de cada um deles. Agradeço à plateia do Hastings Center e da Universidade Estadual da Califórnia, em Bakersfield. Quero agradecer especialmente a Nancy Berlinger, pelo convite para falar no primeiro, e a Nate Olson, por muitas discussões excelentes na segunda. Meus agradecimentos a Holly Taylor, por me convidar a falar no Departamento de Bioética do NIH, onde tive um debate incrivelmente longo e envolvente sobre o projeto. Embora tenha certeza de que não estou lembrando de todos, quero pontuar em particular as contribuições de Sarah Conly, Aaron Segal, Kyle Patch, Yukiko Asada, Elika Somani, Dave Wendler, Robert Steel, Dave Wasserman e George Chingarande. Finalmente, tive duas oportunidades de apresentar as ideias deste livro em minha instituição de origem, a Johns Hopkins, e quero destacar minha gratidão pelos comentários e sugestões feitos por Tali Ziv, Joey Jebari, Em Walsh, Net Lipshitz, Chelsea Modlin, Odia Kane, Maria Merritt, Nancy Kass e Hilary Bok.

Minha agente, Jane von Mehren, é simplesmente excepcional, e sou muito grato por tudo o que ela fez para levar meu trabalho para o mundo. Nesse caso, isso significou encontrar o melhor editor para este livro, Stephen Morrow, que tem sido um colaborador perspicaz e um defensor do projeto. Muitíssimo obrigado a vocês dois.

E, por último, às minhas Sadiye e Sinem, que são as mais afetadas pela minha vontade de fazer esta coisa estranha que é escrever livros. Eu literalmente não poderia fazer isso sem o apoio delas. Elas também me levam a *querer* fazer isso. Elas me fazem querer lutar contra a catástrofe e deixar o mundo um lugar melhor do que poderia ser.

Muito obrigado a todos. Quer concorde com o que acabou entrando no livro ou não, quero que cada um de vocês saiba que ele é melhor por sua causa.

AMOSTRA

Sobre o Autor

Travis Rieder é pesquisador e professor adjunto no Instituto de Bioética Johns Hopkins Berman, onde dirige o programa de Mestrado em Bioética. Também ocupa cargos secundários nos Departamentos de Filosofia e Política & Gestão de Saúde, bem como no Centro de Advocacia em Saúde Pública. Sua primeira obra, um livro de memórias sobre dependência e abstinência de opiáceos, foi nomeado o Melhor Livro de 2019 pela NPR, e seu TED Talk sobre o mesmo tema já foi assistido mais de 2,5 milhões de vezes. Ele foi entrevistado por Terry Gross no Fresh Air, e seu artigo de opinião apareceu no *The New York Times*, no *The Wall Street Journal* e no *USA Today*.

Sumário

É Difícil Ser Bom. E Está Ficando Mais Difícil. 1

PARTE 1

O QUEBRA-CABEÇA

CAPÍTULO 1: A Questão Climática 15

CAPÍTULO 2: Eu Não Faço a Diferença 43

CAPÍTULO 3: O Quebra-Cabeça Está em Toda Parte 55

PARTE 2

KIT INICIAL DA ÉTICA

CAPÍTULO 4: Como Tentamos (e Muitas Vezes Falhamos)
Justificar Nossas Ações 71

CAPÍTULO 5: Armadilha #1: A Ação Correta É a
Ordenada por Deus 81

CAPÍTULO 6: Armadilha #2: A Ação Correta É Relativa 97

A Ética da Catástrofe

CAPÍTULO 7: Teoria Moral como Metodologia? 105

CAPÍTULO 8: Armadilha #3: A Ação Correta É Desferida
por Minha Teoria Moral Preferida 119

PARTE 3

MONTANDO O QUEBRA-CABEÇA

CAPÍTULO 9: Tentando Montar o Quebra-Cabeça com
Ferramentas Antigas 139

CAPÍTULO 10: A Incrível Variedade de Conceitos Éticos 155

CAPÍTULO 11: (Des)Montando o Quebra-Cabeça com
Ferramentas Novas 181

PARTE 4

A ÉTICA DA CATÁSTROFE

CAPÍTULO 12: Ética Cotidiana: Regras para o Século XXI 201

CAPÍTULO 13: Ética Monumental: A Questão de Ter Filhos 235

CAPÍTULO 14: Ser um Participante Moral 263

Notas 279

Bibliografia 301

Índice 313

A ÉTICA DA CATÁSTROFE

AMOSTRA

Que eu seja¹ o menor prego na casa do universo;
pequeno, mas útil.

— Mary Oliver, *Upstream: Selected Essays*

AMOSTRA

É Difícil Ser Bom. E Está Ficando Mais Difícil.

Pessoas que se esforçam¹ para fazer a coisa certa sempre parecem loucas.

— Stephen King, *A Dança da Morte*

A VIDA MODERNA É MORALMENTE DESGASTANTE. É CONFUSA. Tudo o que fazemos parece ter importância. Mas, ao mesmo tempo, nada do que fazemos parece importar. Minha amiga, ambientalista ferrenha, postou recentemente nas redes sociais uma foto de si mesma em uma praia maravilhosa, celebrando um momento de paz na natureza. E, como era de se imaginar — a internet sendo como é —, momentos após postá-la, surgiu um comentário logo abaixo: “Quanto carbono você emitiu para tirar essas férias?” A implicação é óbvia: ela é uma hipócrita, pregando o ambientalismo para todos, mas não para si mesma. E apesar de parecer um comentário

imaturo, ela — como a maioria de nós — preocupada em justificar suas ações, decidiu responder, citando todas as maneiras pelas quais minimiza sua pegada de carbono, e argumentou que abrir mão de aproveitar sua vida parece uma condição injusta.

Esse tipo de debate se desenrola na minha mente, enquanto jogo dos dois lados, regularmente — várias vezes ao dia, se eu deixar. Esta manhã, no café da manhã, despejei leite de amêndoas no meu cereal, resultado de uma decisão que fiz anos atrás, quando concluí que o leite de vaca custa muito caro para o meio ambiente² para ser justificável. Em geral, os alimentos de origem animal têm³ uma pegada de carbono mais alta do que os de origem vegetal e, portanto, eu os reduzi ou eliminei, em graus variados ao longo dos anos, da minha dieta. Mas, enquanto trabalhava em um projeto recente de ética alimentar, descobri que o leite de amêndoas pode não ser um ótimo substituto. Embora tenha uma pegada de carbono menor, as amendoeiras exigem enormes quantidades⁴ de água — doze litros para produzir uma única noz —, e mais de 80% das amêndoas do mundo são cultivadas na Califórnia, que sofre com secas severas. A mudança do leite de vaca para o de amêndoas, então, trocou uma alta pegada de carbono por um alto consumo de água. Assim, sentei-me para pesquisar o leite de soja e o leite de aveia, tentando descobrir qual produto era menos prejudicial, até decidir, por fim, que nenhum deles é perfeito, mas que todas as alternativas à base de plantas⁵ são superiores ao leite de vaca. Até certo ponto, o leite que uso parece ser importante, uma vez que isso contribui para problemas graves, como a mudança climática e a escassez de água. É por isso que as empresas divulgam sua boa-fé ambientalista quando a tem. Mas, de novo, estamos falando apenas de um pouco de leite no meu cereal. Devo realmente me estressar com isso? Começa a parecer exagerado, um pouco excessivo, um pouco obsessivo demais quanto a minha própria inocência.

Também fui para a academia no meu próprio carro hoje, o que reflete muitas decisões eticamente relevantes que tomei em minha vida. Moro nos subúrbios, o que significa que preciso ter um carro e dirigir até a maioria dos lugares aos quais quero ir. Fazer essa escolha vai ao encontro de um estilo de vida popular nos Estados Unidos, que é muito ruim para o meio ambiente: individualismo generalizado, no qual muitos de nós vivem em grandes casas, com grandes terrenos de monoculturas⁶, dirigindo carros particulares, que transportam apenas nós, passageiros individuais, a todas as nossas pequenas responsabilidades. Minha ida à academia, ou meu trajeto de 45 minutos até o campus, é um lembrete de que faço parte de uma escolha cultural radicalmente insustentável⁷.

No entanto, tento minimizar o efeito desse estilo de vida, tendo um veículo elétrico que pouco dirijo. Trabalho de casa quando posso, e a maioria das viagens não passa de 15 ou 25 quilômetros. Então, como resposta à sensação de estar envolvido em uma estrutura problemática, busquei minimizar minha participação nela. Mas sei que não é uma resposta perfeita, e por isso me sinto um tanto culpado pela minha casa suburbana e pelo meu carro particular.

Participar de nossa ampla cultura de consumo também parece carregar um peso moral. Acabo de receber um livro que encomendei pelo correio e não sei como me sentir sobre isso. As compras online são incrivelmente convenientes, mas demandam muito de volta. Eu teria preferido apoiar uma das minhas livrarias locais favoritas, mesmo que fosse necessário dirigir um pouco mais, mas não tive tempo de ir até lá (daqui dos subúrbios, é claro) quando precisei do livro. E embora isso signifique que não tive que dirigir, o entregador o fez, vindo até minha casa para entregar uma caixa com apenas um único livro. Não tenho ideia de como me sentir, moralmente, sobre todos os vários componentes dessa pequena decisão de consumo.